

## *Diários de Motocicleta e Primeiras Viagens: o cinema e a literatura na escola*

**Christiane Silveira Batista**  
**Paulo Custódio de Oliveira**

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

**Resumo:** Ainda são muitas as dúvidas quanto à melhor forma de utilizar a literatura e o cinema em sala de aula. Sem a pretensão de apresentar alguma fórmula milagrosa ou esgotar as possibilidades dessa combinação já conhecida por muitos, este texto sugere, a partir da obra literária *Primeiras Viagens* (1996) e sua adaptação filmica *Diários de Motocicleta* (2004), seu uso em sala de aula com alunos dos anos finais do ensino fundamental e todo o ensino médio. As reflexões discorridas aqui buscam embasamento na proposta de letramento literário de Rildo Cosson (2006) e do uso de filmes na escola, de Marcos Napolitano (2011). Além disso, almeja-se ressaltar a relevância do trabalho com as adaptações e do professor como um mediador capaz de compreender e utilizar os novos suportes midiáticos no ensino básico, por meio de conceitos de Linda Hutcheon (2013), Célia Fernandes (2013) e Claus Clüver (1997).

**Palavras-chave:** Literatura; Cinema; Educação. Letramento

**Abstract:** There are still many questions about how best to use literature and movies in the classroom. Without the pretension to present some magic formula or to exhaust the possibilities of this combination already known by many people, this text takes the book *Primeiras Viagens* (1996) and its film adaptation *Diários de Motocicleta* (2004) as a source, to suggest the use of literature and film in the classroom with students in the final years of junior high and all high school. The reflections discussed here are based on the proposal of Rildo Cosson for literary literacy (2006) and on the use of films in school, by Marcos Napolitano (2011). In addition, the aim is to emphasize the relevance of work with adaptations and the teacher as a mediator capable of understanding and using the new media in basic education, through concepts advanced by Linda Hutcheon (2013), Célia Fernandes (2013) and Claus Clüver (1997).

**Key words:** Literature; Motion Pictures; Education. Literacy.

### INTRODUÇÃO

O presente texto é oriundo de reflexões acerca da primeira grande viagem de Ernesto Guevara de la Serna, o Che Guevara. Ela ocorreu entre 1951 e 1952 quando ele e seu amigo Alberto Granado deixaram Buenos Aires e o conforto de suas casas para percorrerem de moto, e posteriormente a pé e de carona, vários países da América do

Sul, deparando-se com paisagens fascinantes que contrastavam com a difícil realidade da grande maioria de seus habitantes.

Durante os nove meses de viagem, pode-se perceber a exaltação de sentimentos como a esperança, a compaixão, a empatia. Os jovens que vemos estão descobrindo seus vizinhos sul-americanos e descobrindo a si mesmos como cidadãos latinos também. Evoluem e amadurecem ao longo do percurso. Ali, não temos o revolucionário, e controverso, Che Guevara. Quem se apresenta é Ernesto, apelidado na época de Fuser, e seu amigo Alberto.

O registro dessa aventura se deu por meio de anotações em um diário de Che, que foi narrativizado por ele algum tempo depois de finalizada a viagem. No entanto, mesmo tendo sido revisto por seu autor, ele permaneceu guardado por mais de quarenta anos e só obteve sua primeira publicação em sua língua original – a língua espanhola – em 1994, sob o título “Mi primer gran viaje”.

Desde então, foram publicadas diversas versões, traduzidas para o italiano, inglês e português, por exemplo. Um dos objetos desta proposta de reflexão é a obra “Primeiras viagens”, a primeira tradução em língua portuguesa do diário, lançada em 1996. Essa escolha não é aleatória e justifica-se pelo fato de essa edição ter sido selecionada pelo Programa Nacional Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares do MEC/FAE e distribuída para algumas bibliotecas e escolas públicas ao longo do ano de 1997, o que pressupõe uma possibilidade maior de acesso a ela tanto pelos professores quanto pelos estudantes.

Para que se entenda um pouco dessa iniciativa, esse programa de distribuição de livros às escolas públicas brasileiras foi criado na década de 1980, tendo como principal objetivo prover as escolas de um acervo literário para que fossem organizados espaços de leitura ou bibliotecas. O livro “Primeiras Viagens” foi selecionado no último ano do programa com essa nomenclatura, já que a partir de 1997 passa a ser o Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE (FERNANDES, 2013, p. 34).

O outro objeto de observação deste texto trata-se da adaptação filmica desse diário denominado “Diários de Motocicleta” (2004). O filme, que é do gênero *road movie* (cinema de estrada), está em língua espanhola e foi dirigido pelo brasileiro Walter Salles, alcançando a marca de doze milhões de espectadores, mais de 50 prêmios internacionais, e tendo sido aplaudido por dezessete minutos em sua apresentação no Festival de Cannes (STRECKER, 2010, p. 29-30).

Com tamanha repercussão, esse filme assinala definitivamente a internacionalização da carreira do cineasta brasileiro, que já havia obtido reconhecimento com o filme “Central do Brasil” (1998), indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e ganhador de diversos prêmios internacionais, como o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro.

Sendo assim, a seleção dessa narrativa filmica inclui diversos motivos: é facilmente encontrada para venda e/ou locação; sua classificação indicativa é de 12 anos – o que possibilita o trabalho em sala de aula com os anos finais do ensino fundamental e com todo o ensino médio –; contém diversas qualidades estéticas, já que características como a trilha sonora (“Al otro del río”, canção composta por Jorge Drexler para o filme, foi vencedora do Oscar de Melhor Canção), o roteiro adaptado, a fotografia e a inclusão de arquivos documentais da viagem no final do filme contribuem para a singularidade da obra e justificam sua divulgação e o estudo mais aprofundado entre os alunos.

Logo, a partir do recorte apresentado, busca-se verificar a importância do diálogo entre literatura e cinema na prática docente e como isso pode aproximar os alunos da literatura por meio do cinema, da história por meio da literatura, da fotografia por meio do cinema, da geografia por meio da história, e assim continuamente em um ciclo sem ponto definido de partida ou de chegada.

As sugestões que se apresentam a seguir têm orientação teórica na proposta de letramento literário de Rildo Cosson (2006) e do uso de filmes na escola, de Marcos Napolitano (2011). Ademais, reflexões de Linda Hutcheon (2013), Célia Fernandes (2013) e Claus Clüver (1997) nos auxiliam a perceber a importância do papel mediador do professor e do trabalho escolar com as adaptações e com os diferentes suportes midiáticos.

Para começarmos, é necessário entender a importância da leitura do diário e como isso pode ser útil na aproximação dos alunos ao mundo da leitura. Dessa maneira, iniciemos a viagem da/pela leitura do diário.

## **PRIMEIRA VIAGEM**

O diário é um gênero que desde cedo habita, ou habitava com mais frequência que hoje, o cotidiano de crianças, adolescentes e até adultos. Escrever sobre o dia-a-dia,

a descoberta de sentimentos, as amizades, as aventuras, as frustrações faziam (ou fazem) parte da rotina de muitas pessoas. Tudo pode ser pauta de registro.

Já a literatura de viagem é um gênero que facilmente agrada os leitores adolescentes (e não só eles), por ser escrito em uma linguagem mais informal, contendo traços de oralidade, e descrições de lugares que despertam a curiosidade ou a identificação, além de retratar aventuras e situações diversas que podem provocar o riso, a reflexão, dentre outras reações.

A obra “Primeiras Viagens” (1996) une esses dois gêneros ao ser apresentada em sua primeira página como um diário de viagem. Nela, os leitores podem notar a presença de temas relacionados à literatura, história, geografia, língua portuguesa e espanhola, sociologia, filosofia. Com características assim, é possível afirmar que sua escolha pelo Programa Nacional Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares foi acertada: é de fácil compreensão, o que não quer dizer simples ou medíocre, já que se mostra complexa por trabalhar com recursos narrativos variados e com a interdisciplinaridade. Também é apropriada por ser de provável boa receptividade aos leitores, inclusive aos menos experientes, já que relata o período da juventude de alguém com uma linguagem acessível, em um formato familiar.

Note-se, contudo, que não é uma obra canônica. Nem pretende ser. E o professor precisa saber que “a literatura não pode ser reduzida ao sistema canônico” (COSSON, 2006, p. 47) e que difundir outras manifestações literárias e artísticas tem que ser parte do currículo escolar, pois “é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno” (COSSON, 2006, p. 47-48).

Portanto, esse é um livro que parte do conhecido (gênero diário), do simples (linguagem com traços de oralidade), do semelhante (jovem em busca de aventuras), podendo ser utilizado com leitores iniciantes. Já o leitor mais experiente, será contemplado pelo fato do livro tratar da temática da juventude, que nunca deixa de ser atual, e também poderá desfrutar do prazer da leitura e ser parte desse processo de letramento literário, como pode ser visto no trecho inicial do livro

Este não é o relato de façanhas impressionantes, tampouco é meramente um “relato um pouco cínico”; pelo menos não quer ser. É um pedaço de duas vidas tomado no momento em que atravessaram juntas um determinado trecho, com identidade de aspirações e conjunção de sonhos. (GUEVARA, 1996, p. 1)

Nesse fragmento, pertencente ao parágrafo inicial do diário, pode-se notar a habilidade narrativa de Che, que faz uso de vocábulos carregados de significados relacionados à juventude, como façanhas, aspirações, sonhos. Os leitores, iniciantes ou mais experientes, conseguem compreender o que se diz, mas também podem perceber que a escrita e sua linguagem e estilo são providos de planejamento, seleção, revisão.

Um ponto que merece relevância na leitura do diário é o fato de que Che escreve suas vivências, e o faz bem, porque é um leitor, porque “assim como lê, Guevara também escreve. Ou, melhor, porque lê, escreve” (PIGLIA, 2006, p.106). Isso merece ser ressaltado, pois a escrita, tão cobrada nas redações escolares, só é possível de ser exercitada por meio de leituras variadas, o que enfatiza a leitura como o caminho a ser percorrido para se atingir uma escrita produtiva.

Diante disso, o diário, que nessa versão contém 144 páginas e mais 15 páginas de anexos – uma carta de Che para sua mãe e o itinerário da viagem – pode ser lido em sala de aula na íntegra ou apenas parcialmente, cabendo aos alunos realizar a leitura dos demais trechos fora do horário de aula. No entanto, qualquer que seja a estratégia adotada pelo professor, a obra deve ser lida em sua totalidade para que haja uma significação do ato de ler, uma reflexão sobre o que é lido e a devida conexão entre os fatos, o que não é alcançado com a leitura de partes isoladas e descontextualizadas.

Para esse trabalho com a literatura, a sequência básica de letramento literário (COSSON, 2006) pode ser aplicada. Ela se compõe de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Começando pela motivação, o professor se organiza para “preparar o leitor para receber o texto, sem silenciar nem o texto nem o leitor” (COSSON, 2006, p.56). Esse passo é definitivo no êxito dos demais, já que tem que despertar a curiosidade e o entusiasmo em relação ao que será lido. Essa atividade dura no máximo uma aula e pode ser escrita, verbal e/ou oral. Uma sugestão é trazer fragmentos de diários e de literatura de viagem para que leiam, debatam e exponham seus conhecimentos sobre o gênero.

Passando para a introdução, ela consiste na apresentação do autor e da obra, requerendo cuidado para que não seja uma longa exposição sobre dados biográficos e históricos. Nela, podem ser lidos e explorados os paratextos, como a capa (uma foto de Che deitado na sacada do apartamento com os braços cruzados atrás do pescoço), a orelha (uma breve biografia dele) e a apresentação (escrita por seu pai sobre a época da

viagem). Um exemplo de fragmento a ser explorado nessa introdução se refere a essa apresentação:

Para Ernesto aquilo não era um hobby, e assim aprendemos a compreendê-lo. Apreciávamos cada vez mais a grandeza de seu empreendimento. Possuía as qualidades necessárias para realizar aquilo que projetava, mas ninguém triunfa na vida só tendo condições; a realização dos sonhos, dos projetos, das esperanças é a parte mais difícil. (LYNCH *apud* GUEVARA, 1996, P.xii-xiii)

Ao ler esse trecho, faz-se pertinente observar como o pai retrata seu filho e suas aventuras pelo mundo. Neste momento, o professor pode indagar os estudantes se se sentem identificados ou não com essa situação. Outro ponto de debate pode ser a relação entre sonhar e realizar, que depende de um projeto e de vários outros aspectos.

Findada a parte da introdução, o terceiro passo é a leitura do livro propriamente dito. Considerando que não há tempo hábil para a leitura do diário somente em sala de aula, Cosson (2006) sugere que parte da leitura seja feita fora do horário de aula e que haja um acompanhamento por meio de intervalos compostos de atividades específicas. Ou seja, o aluno lê alguns capítulos em casa, para que em sala de aula seja feita uma atividade, que pode consistir na leitura mediada de algum capítulo ou trecho relevante para a narrativa ou quanto aos recursos estilísticos, por exemplo. O professor negocia a quantidade de tempo e de páginas ou capítulos e marca a data do intervalo referente a eles, não podendo exceder a quantidade de três intervalos para não tornar a atividade muito extensa e perder o foco.

Aplicando essa sugestão no diário, podem ser efetuados três intervalos: um a cada quinze dias, por exemplo. Em cada um deles, podem ser selecionados e lidos os trechos que mais impactaram os alunos durante a leitura, começando com um trecho escolhido pelo professor. Faz-se oportuno solicitar isso antes do início da leitura e dos intervalos, para que já eles façam as anotações ou marquem as páginas durante a leitura. Assim, os alunos virão para o intervalo com as páginas propostas lidas e com suas anotações, podendo ser assinalada a variedade de opiniões e sensações registradas durante essa atividade do intervalo.

Por fim, o último passo é a interpretação. “É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela”. (COSSON, 2006, p. 65). O trabalho feito ao longo das aulas e da leitura fora da sala de aula se concretiza nessa fase. Os alunos podem refletir sobre o que leram e se

manifestar oralmente, redigir uma resenha ou um diário de leitura, por exemplo. O importante é que haja o registro do que foi lido e o que significou essa leitura.

Ao seguir as sugestões apresentadas, que podem ser modificadas e sua sequência didática pode ser alterada, o professor traz significado à prática da leitura, sistematiza seu trabalho, mostrando aos alunos procedimentos pensados e planejados para a coerência de um processo de letramento literário. Ou seja, ele atua como um mediador da leitura ao efetuar uma “leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor” (FERNANDES, 2013, p. 32).

Concluída a sequência básica de Rildo Cosson, pode-se pensar no próximo passo: o diálogo entre as mídias e, neste caso, entre as obras literária e fílmica. Considerando que houve a leitura e reflexão do diário escrito, qual será o posicionamento avaliativo, estético e crítico dos alunos em relação à adaptação fílmica do diário?

Para pensarmos as possibilidades de resposta a essa pergunta, passemos então para a reflexão sobre o trabalho com o filme na escola.

## **A VIAGEM NA TELA**

O trabalho docente com filmes tem sido utilizado, muitas vezes, quando já não há conteúdos a serem passados, há tempo excedente e/ou até mesmo quando falta um professor no horário da aula. Essa prática deve ser terminante rejeitada, se há a busca por um trabalho planejado e coerente no uso de obras fílmicas na escola.

Mas, então, como fazer uso desse recurso sem restringi-lo meramente ao entretenimento?

Inicialmente, há de se destacar que não há problema em assistir a um filme sem alguma intencionalidade específica, que não seja o lazer. Entretanto, na escola seu uso não pode ser simplesmente pautado no ócio e necessita ser motivado por uma narrativa que proporcione considerações sobre algum conteúdo curricular, o diálogo com algum tema/obra ou a análise estética que prepara os alunos para ter um olhar mais crítico em relação a algo.

Para que isso ocorra, é necessário o planejamento e a capacitação mínima do docente, pois, se para discorrer sobre autores e obras impressas é necessário que o professor seja leitor, para debater sobre um filme é primordial que o professor seja espectador, observador de alguns detalhes e conhecedor de alguns termos técnicos.

Note-se que “não se trata de exigir uma formação específica, mas é importante que se tenha uma relativa intimidade com os elementos básicos da narrativa audiovisual, assim como do processo de realização de um filme” (NECCHI, 2009, p. 277).

Para tanto, alguns cursos de graduação e de formação continuada já enfatizam essa necessidade e reconhecem que a educação não pode ser baseada somente em materiais impressos e quadros-negros. Os alunos já utilizam as mídias em seu cotidiano e os professores têm de se adequar a esse novo formato, sabendo tirar proveito de um dos materiais artísticos mais populares entre os alunos: os filmes.

Sendo assim, o profissional da educação precisa buscar sua capacitação nessa área, caso não tenha tido a suficiente formação, pois só dessa maneira terá “como trabalhar com textos que combinam e fundem diferentes meios e sistemas de signos, e que poderá então lidar com a maior parte da criação artística do nosso tempo” (CLÜVER, 1997, p.54).

Com o mínimo de conhecimento, o docente já está apto a desempenhar uma atividade satisfatória no uso do filme na escola. Porém, devem ser observados aspectos como o espaço, a iluminação, o som, a classificação etária, entre outros. Por isso, essa é uma atividade que requer o planejamento e o teste dos equipamentos a serem utilizados na projeção (DVD ou *Datashow*).

Solucionada a etapa dos elementos materiais a serem pensados e testados previamente, o desafio maior ainda está por vir: elaborar uma atividade que dote a projeção de significado e proponha um debate/reflexão/questionamento sobre o filme ou algum aspecto a ser observado nele. Não é tarefa simples e constitui um desafio, como bem observa Marcos Napolitano (2011):

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio” (NAPOLITANO, 2011, p. 15)

Logo, é preciso aceitar o desafio e se propor a superá-lo. Para isso, o docente deve utilizar a obra fílmica para o enriquecimento cultural dos discentes, favorecendo uma aprendizagem não só de conteúdos escolares, mas sim, de noções que estimulem a criatividade e o discernimento, formando cidadãos capazes de pensar sobre o que veem e elaborem sua opinião a respeito.

Dito isto, o professor, após ter efetuado a leitura mediada do diário escrito, propõe a exibição de sua adaptação filmica, “Diários de Motocicleta” (2004). Essa atividade se apresenta como sugestão de uso do filme em sala de aula para se pensar a relação entre obra impressa e obra filmica, a noção de adaptação, de *road movie* e de processo criativo.

Ressalta-se que como mediador, o professor não pode fazer interrupções durante a projeção. Suas observações podem ser explicitadas antes e/ou depois da exibição. Pode-se solicitar em momento anterior, que observem o cenário, a fotografia, a iluminação, a escolha do *casting*, dos planos, enfim, que assistam ao filme e percebam como o adaptador, que é o diretor, seleciona os fatos do papel e os (re)cria na tela.

Já em momento posterior à sessão, debate-se sobre as expectativas em relação à obra filmica, ao gênero *road movie* usado para retratar o diário, ao diálogo com o livro. “O importante é não ficar apenas no filme como ‘ilustração’, mas usar criticamente a narrativa e as representações filmicas como elementos propulsores de pesquisas e debates temáticos” (NAPOLITANO, 2011, p. 28).

Um dos debates que podem ser suscitados, e é um dos mais populares, é sobre o que é melhor: o filme ou o livro. Entretanto, esse não deve ser o foco da discussão, já que cada leitor/espectador elabora uma imagem e uma sensação ao ler o livro e isso pode ou não ser correspondido pelo filme.

Uma das razões para que uma adaptação agrade, ou não, pode envolver a noção de fidelidade ao livro. Porém,

a retórica da fidelidade é inadequada para discutir o processo de adaptação. Qualquer que seja o motivo, a adaptação, do ponto de vista do adaptador, é um ato de apropriação ou recuperação, e isso sempre envolve um processo duplo de interpretação e criação de algo novo. (HUTCHEON, 2013, p.44-45)

Esse tipo de observação é essencial ao se comparar duas obras em suportes midiáticos distintos. O professor deve esclarecer que o olhar do adaptador é singular e pessoal, assim como o do leitor, e envolve um processo interpretativo, de seleção e julgamento do que é mais apropriado ao que se pretende na transposição de uma obra literária para uma filmica. Trata-se, portanto, de um processo de (re)criação.

Terminadas as reflexões sobre esse diálogo entre as obras, tanto os alunos quanto os professores podem perceber a importância em ler o texto e ver o filme como objetos de fruição artísticas, relacionados, mas independentes entre si. Um não substitui o outro. Ao contrário, dialogam e se complementam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho docente no ensino básico com obras não canônicas permite a expansão de perspectivas e a ampliação do repertório cultural de docentes e discentes. Contudo, exige uma seleção e preparação do que mais seja adequado para aquela faixa etária naquele momento, o que também ocorre com os materiais canônicos, só que com a facilidade de haver mais material didático disponível.

Ao propor a leitura mediada de uma obra distribuída às escolas públicas, exemplificado nessa reflexão pelo texto “Primeiras Viagens” (1996), intenciona-se utilizar efetivamente esse material disponível nas escolas e que, justamente por não ser canônico, pode estar esquecido em alguma prateleira da biblioteca escolar.

Já ao sugerir o paralelo com sua adaptação filmica, “Diários de Motocicleta” (2004), os alunos podem se expressar e perceber, por orientação do professor-mediador, que não se deve esperar uma narrativa cinematográfica fiel a uma narrativa literária ou que se alcancem as mesmas impressões obtidas durante a leitura e vice-versa, caso o filme seja visto primeiro e o livro lido depois.

Portanto, o professor, devidamente capacitado, emprega atividades que ultrapassem as propostas que frequentemente estão nos livros didáticos: a da leitura de trechos literários. Seu objetivo consiste em elaborar exercícios que envolvam a leitura e a reflexão de obras em diferentes mídias, contribuindo assim, para a formação de cidadãos críticos e perspicazes, letrados não só literariamente, mas sim, audiovisualmente.

## REFERÊNCIAS

CLÜVER, Claus. Estudos Interartes: conceitos, termos, objetivos. Revista **Literatura e Sociedade**. No. 2. São Paulo: FFLCH/USP, 1997, pp. 37-55.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. Londrina: Eduel, 2013.

GUEVARA, Ernesto Che. **Primeiras viagens**. 2a ed. São Paulo: Página Aberta, 1996.

HUTCHEON, Linda. **A teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2a ed. Florianópolis-SC: Editora UFSC, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5a ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NECCHI, Vítor. A potencialização da leitura na era do audiovisual. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M.K. (Orgs.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009. pp. 267-279.

PIGLIA, Ricardo. Ernesto Guevara, rastros de leitura. In: \_\_\_\_\_. **O último leitor**. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 98-131

STRECKER, Marcos. **Na estrada: o cinema de Walter Salles**. São Paulo: Publifolha, 2010.

## REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

DIÁRIOS de Motocicleta. Direção: Walter Salles. Produção: Edgard Tenenbaum, Michael Nozik e Karen Tenkoff. Intérpretes: Gael García Bernal, Rodrigo de la Serna, Mercedes Morán, Jean Pierre Noher, Facundo Espinosa, Mía Maestro. Roteiro: José Rivera. Estados Unidos e Argentina: Film Four e BD Cine. 2004. DVD, son., color., 126 min.

## OS AUTORES

**Christiane Silveira Batista** é mestranda em Letras, na área de Literatura e Práticas Culturais, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Língua Espanhola pela Faculdade Internacional Signorelli e integrante do Grupo de Estudo InterArtes/UFGD.

**E-mail:** [christianebatista@ufgd.edu.br](mailto:christianebatista@ufgd.edu.br)

**Paulo Custódio de Oliveira** é doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua como professor adjunto II da UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados e como Coordenador do Grupo de Estudo InterArtes/UFGD.

**E-mail:** [pensepaulo@gmail.com](mailto:pensepaulo@gmail.com)